

Gil Vicente

(PERFIL CRITICO, PELO VISCONDE D'OUQUELLA)



O sr. visconde d'Ouguella acaba dar á estampa um estudo sobre Gil Vicente, fundador, e ainda agora mestre, do theatro portuguez; e n'esse volume, compendiador d'um vasto estudo, e d'uma fina sagacidade bibliographica, visionou o sr. visconde a figura de Gil Vicente, com uma elegante justeza e precisão.

N'elle se fixam as circumstancias de raça e de meio, entre que desabrochou, para a vida poetica, o estranho bufão de genio que foi Gil Vicente, e se analysam com grande riqueza de pormenores e informações historicas, as passagens mais caracteristicas das suas obras. Não significa este estudo do sr. visconde, apenas uma paixoneta d'erudito, queimando cyrios aos idolos mortos; senão que diz o esforço

methodico e sagazmente scientifico, d'um critico-artista, que desilludido das obras do presente, toma do escopro, para arrancar ao bloco da historia, esta figura viva e inverosimilmente original de poeta satyrico, que foi no seu tempo, em Portugal, como Rabellais em França, a encarnação da philosophia *gouailleuse*, da escandente audacia ideologica, *avant-coureuses* da Reforma, sob que o espirito humano reagiu ao despotismo fanatico dos reis, e ás ferocidades dos inquisidores. Longinquas embora, ha entre o espirito de Gil Vicente, e o do seu biographo, analogias de protesto, sedes de liberdade, que forçosamente haviam approximar do bobo-actor de D. João III, o jornalista revoltado — de cujos livros e pamphletos ressumbra tanta vêz, posto que sob uma forma diversa, a mesma amargura de satyra, contra as orgias d'uns, as ignorancias d'outros, e a irreparavel liquidação intellectiva e moral de quasi todos.



Assim, é com uma intensidade critica flagrante que o sr. visconde d'Oguella surprehende, muita vez, o intencional philosophico das peças de Gil Vicente, e com uma laboriosa mas ovante fortuna que elle, por estudos de litteraturas parallellas, consegue illuminar em cheio, certos recantos do typo do poeta, revelando-no-lo como uma especie de diabo sardonico, de justiceiro folião, por cuja bocca passam, contra os poderosos da côrte portugueza, accusações terriveis e supremas, escarneos pungentes, allusões descubelladas, sem que por liberdades taes, o carcere se abra, para engulir o ousado que as vomita.

E' incalculavel o que um editor faria de bom, lançando em publico, edições dos nossos velhos poetas e chronistas. A *Academia Real das Sciencias*, que se compraz em viver d'elogios academicos, e obras de erudição ronçeiras, feitas sem alma nem probidade, por escriptores cançados e repartidos em trinta mil commissões do seu serviço, todas estereis; a *Academia*, com quem o Erario gasta por anno, alguns contos de réis improductivos, podia bem tomar o inicio d'esta commettida, reproduzido em livrinhos baratos, algumas dezenas das preciosas coisas que a antiga litteratura portugueza nos deixou. Todos ouvem fallar por exemplo, em Fernão Lopes, em Damião de Goes, na *Historia Tragico-maritima*, em João de Barros, e na serie interminavel dos nossos poetas dos seculos XVI, XVII e XVIII; mas raros estão habilitados a sondar o jazigo d'oiro que allí está dentro, e a incalculavel suggestão artistica que um novo poderia saccar de muitos d'aquelles livros fortes, cuja alta voz historica, a poeira dos archivos tem asphixiado. Entre os antigos, que todo o portuguez deve ter chegado a si, um dos primeiros, é Gil Vicente, cuja obra, mesmo apesar da efabulação ingenua, das lacunas de

entrecho, da falta de logica na concepção — predica dos que não eram ainda d'aquelles rudes tempos litterarios — esfusia d'encanto lado, d'imprevisto comico, de poesia sublime e fulgentissima. Este escriptor de theatro é primeiro que tudo, um pamphletario. Este engenhador d'autos é primeiro que tudo, um moralista. E com que suprema frescura elle transige, por gradações mal sensiveis, da satyra violenta, á ficção poetica! A sua imaginação tem lethargias e visões de puro scandinavo: é meigo, é melancholico, hamletico por vezes; vae-se com elle, perdido, por um paiz de bruma cheio d'allegorias nobres, de carcaças de sacripantes, e de bruxarias sarcasticas e medievias.

*«O tristes nubes escuras,
Que tan recias caminai,
Sacadme destas tristuras,
Y llevadme á las honduras
De la mar, adonde vais.
Duélanvos mis tristes hadas,
Y llevadme apresuradas
Aquel valle de tristura,
Donde estan las mal hadadas,
Donde estan las sin ventura
Sepultadas.»*



Sobre o complexo character de Gil Vicente (que tudo prova, seria esclarecido por uma cultura mental variadissima) dá o sr. visconde d'Oguella no seu livro, informação concernente aos profusos aspectos sob que fôra mister analysal-o. Era um naturalista, não só em arte, como em sciencia. Refere o sr. visconde, que havendo em 1231, um grande tremor de terra, por Lisboa, Gil Vicente *juntou no claustro de S. Francisco, os frades do convento*, e lhes fêz uma especie d'arenga, hereticamente explicativa (1) de cujo substracto deu conta a D. João III, então no castello de Palmella. Eis os periodos da carta, que o sr. visconde d'Oguella traslada:

«Senhor!

«Os frades de cá não me contentarão, nem em pulpito nem em prática, sôbre esta tormenta da terra que ora passou; porque não abastava o espanto da gente, mas ainda elles lhe affirmavam duas cousas, que os mais fazia esmorecer. A primeira, que pelos grandes peccados que em Portugal se fazião, a ira de Deos fizera aquillo, e não que fosse curso natural, nomeando logo os peccados por que fôra; em que pareceo que estava nelles mais soma de ignorancia, que de graça do Spirito Sancto. O segundo espantallo, que á gente puzerão, foi, que quando aquelle terramoto partiô, ficava já outro de caminho, senão quanto era maior, e que seria com elles á quinta feira huã hora depois do meio dia. Creu o povo nisto de feição que logo o sahirão a receber por esses olivães, e ainda o lá esperão.»

Note-se que Gil Vicente vivia n'uma côrte de fanaticos, do hypocritas e de padres, e que o estabelecimento do tribunal da Inquisição, estava perto. A arenga e carta do poeta, é pois um acto de audacia, de que hoje mal se comprehende a impunidade.

Esta se explica, todavia, como diz o auctor do Gil VICENTE, pela especie d'irresponsabilidade doada aos bobos pela tolerancia dos senhores que elles divertiam, e tambem por este angustioso desejo que sentem os despostas, de se ouvirem injuriar, como os vencedores romanos, em plena apothese. E' quasi certo que D. João III tivesse um fraco pelo seu poeta macabro, e que os odios que as satyras de Gil Vicente accenderam, muitos, quebrassem d'encontro a protecção real, a sua violencia. Já não succedera assim ao grande Damião de Goës, que vibrando ao conde da Castanheira, o epigramma celebre

*«Mestre João sacerdote
De Barcellos natural
Houve d'uma moura tal
Um filho de boa sorte.
Pedro Esteves se chamou;
Honradamente vivia;
Por amores se casou
C'uma formosa judia.
D'este (pois nada se esconde)
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'aquelle conde
Que é conde da Castanheira.»*

agarrou na Casa da India, por mandado do mesmo, uma sova, d'onde lhe resultou a morte.



O que fica dito, posto não tenha a consistencia seria d'um estudo, e nem sequer a nitidez d'um *conterendu*, deixa contudo desconfiar do altissimo valor do trabalho do sr. visconde d'Oguella, do qual um erudito só, faria resenha condigna, e necessariamente extensa e povoada de referencias e transcripções, colhidas em cada uma das paginas do volume. Não é só a esculptura do Gil VICENTE, que dá valor ao livro: é o estudo, do meio litterario e social, de que o sr. visconde d'Oguella fez uma tapeçaria magnifica, para circumdar amorosamente a sua estatua. O estudo da Renascença, com as suas subitas paixões de livros e de pompas, a sua triumphante explosão de genio artistico, é um quadro animado e entusiastico, onde os valores das tintas e a anatomia viva das figuras, compendiam por certo, muitos e muitos mezes de trabalho.

IRKAN



O CALOR

VERSOS Á LEITORA

Se bem que a calma bravia
Me zurza, qual rija tranca,
Em signal de cortesia,
Vou fazer esta poesia
De casaca e luva branca.

Mas a colma abrasadora
Cada vez mais rijo ataca!
Isto é medonho, ó leitora!
E, se o permittis, senhora,
Eu vou despir a casaca.

Quem dêra morar n'um predio
Todo feito de sorvete!
— Move o calor tal assedio
Que eu não vejo mais remedio
Senão tirar o collete...

E, mesmo assim, me apoquento
De calor tão rija data,
Que, se vocencia me isenta
Do rigor da vestimenta,
Tiro tambem a gravata...

Já não faz tanto destroço
O calor — 'sta mais fresquinho...
— E com que alegre alvoroço
Eu consolára o pescoço
Arrançando o colleirinho...

Com tempo assim, só conforta
Viver á sombra das balsas...
E não abranda — vae torta! —
— Se a leitora não se importa,
Eu dispo egualmente as calças...

Que dia de calma intensa,
Que não modera uma brisa!
Cada vez mais se condensa...
— E então, com sua licença,
Passo a despir a camisa...

Brilha a gente, co'o suor,
Como brilham lantejoilas...
E cada vez é maior...
— Acho, portanto, melhor
Despir tambem as cereoilas.

De que nos serve agua fresca,
De Caneças, ou Sabugas?
Com calma tão gigantesca
E' pôr-se a gente á fradesca
E' descalçar as piugas...

E venha a calma bravia
Zurgir-me como uma tranca!
Que, em signal de cortesia,
Cá estou fazendo a poesia
Nú em pello — e luva branca...

PAN-TARANTULA

JOHN BULL E ZÉ PEREIRA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

— Agora o tambor sou eu; alguma vèz serás tu, meu refinadissimo ladrão!

11,4 Fo

Partilha d'Africa

(Successos do Chire — Fuzilamento dos cypaes — Morte de Silva Porto — Demissão de Neves Ferreira — Tropas do continente para Moçambique — Desobediência heroica, e internato de Azevedo Coutinho — Estado das negociações, etc.....)



ATTITUDES MUITO CORRECTAS. RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

SHUT!

A sobrecasaca de Vieira d'Andrade

(Vide Portuguez de domingo)



Que linda sobrecasaca,
Que o Vieira d'Andrade tem!
E' de estofo de Malaca,
Cortada como um perpoem
Da corte da rainha Urraca
A linda sobrecasaca
Que o Vieira d'Andrade tem.

Aquella sobrecasaca,
Que o Vieira d'Andrade tem,
E' mais fresca do que alpaca,
E vale bem mais do que o assem
Tirado ao corpo da vacca
A bella sobrecasaca
Que o Vieira d'Andrade tem



Tão linda a sobrecasaca,
Que o Vieira d'Andrade tem.
Devia custar muita placa...
Foi modelo no Cacem,
Vae ser modelo em Ambaca,
A linda sobrecasaca
Que o Vieira d'Andrade tem.

A bella sobrecasaca,
Que o Vieira d'Andrade tem,
Se das outras se destaca
E' que se destaca bem!
Quem é que não embasbaca
Ao ver a sobrecasaca
Que o Vieira d'Andrade tem?!

Ao vêr a sobrecasaca
Que o Vieira d'Andrade tem,
Grita o Catarro: — «ataca!
Berra o Keil: — o que ali vem!

E o Nunes Correia estaca,
Dizendo: — oh! meu Deus, que bem
Talhada (parece á faca!)
Aquella sobrecasaca
Que o Vieira d'Andrade tem!



GYMNASIO

RECITA CARLOS O'SULLIVAND

No Gymnasio ha esta noite festa, consagrada a um artista, que por seus talentos e qualidades pessoaes, grande numero de sympathias faz, entre os que o conhecem. Esse artista é Carlos O' Sullivan, contraregra do theatro de D. Maria, e actor do mesmo theatro. O espectáculo, que um grupo de amigos e collegas seus, organisa hoje no Gymnasio, a seu beneficio, consta da *Noiva de Florestano, dos Creados-Patrões*, e d'um escolhido concerto musical pelo sexteto Gaspar. Entram João e Augusto Rosa, Amelia da Silveira, Emilia Candida, Barbara, etc.

Não faltarão espectadores e applausos, no Gymnasio, hoje, a Carlos O'Sullivan, e aos actores interpretes das comedias que dissémos.

Unidos para sempre!

Jâmais se separa d'ella,
como as vogues d'um diphthongo;
Se usa a sua Gabriella
De SABONETES DO CONGO...

fabrinhia Victor Valas, er, em Paris.

Joaquim José

(AUCTOR DO ASSASSINIO PERPETRADO A BORDO D'UM BARCO OVARINO, NO SABBADO ULTIMO)



Os leitores já conhecem o drama intimo, que ha dias desfechou tragicamente. Dois irmãos, Joaquim José, de 29 annos, e João José, de 27, naturaes de Constança, tripulantes do mesmo barco, mas de genio brusco e desigual, andavam ha muito em pegadilhas de *diç tu, diréi eu*, que no sabbado azedaram, mercê do vinho que ambos tinham bebido. De sorte que voltando ao barco, n'esse dia, vieram n'uma lucha feroz, d'onde, ao fim d'esforços musculares, resultou cahir no chão o mais novo, e cravar-lhe o mais velho, uma comprida faca no pescoço. O golpe, interceptando as grandes arterias, tirou a vida a João José, e como o moço do ovarino fazia alarde sobre a presença d'aquelle cadaver a bordo, Joaquim José, tresvairado, lançou o morto ao rio.

Camara dos deputados

(CROQUIS DA GALERIA)

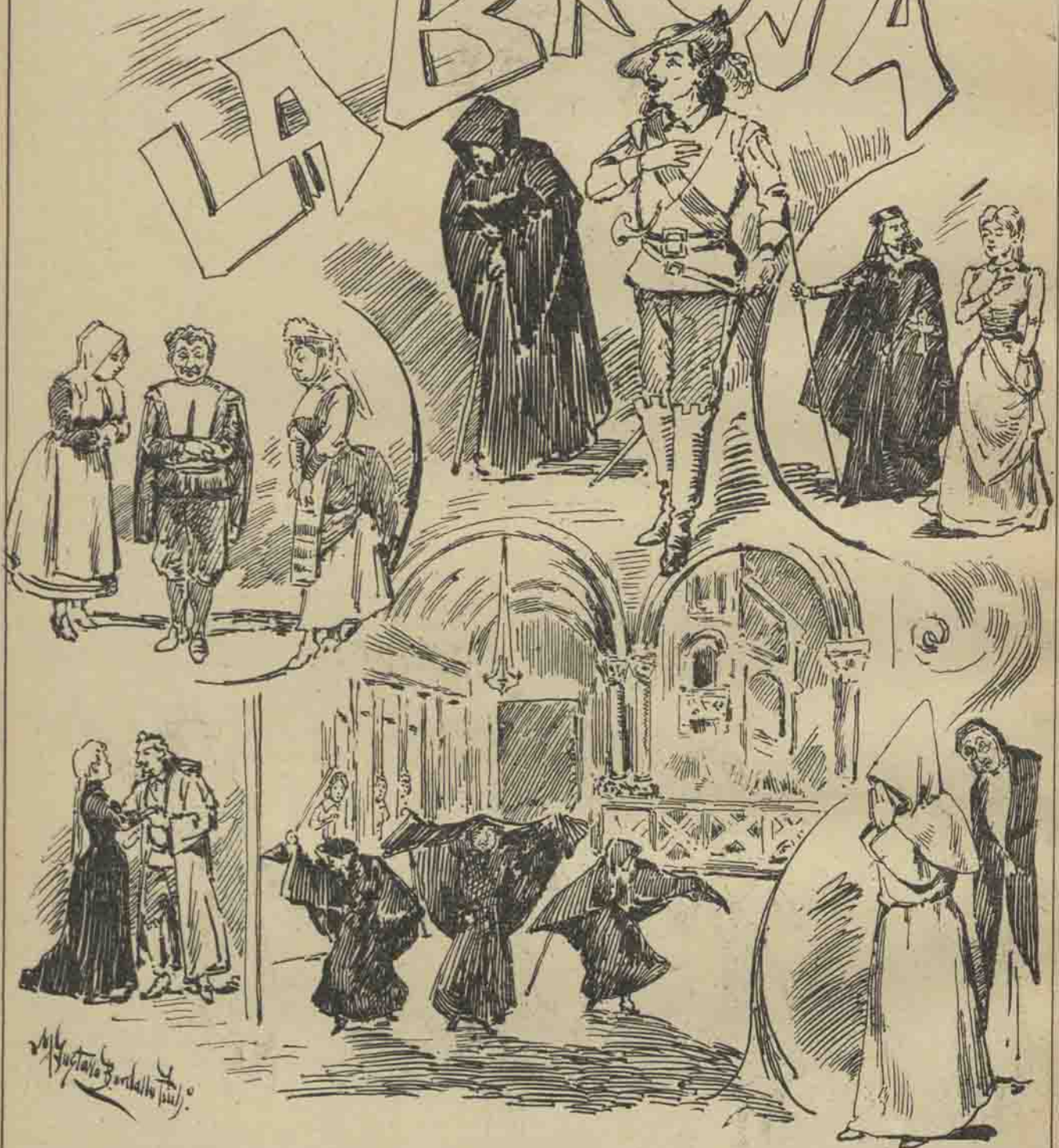


Fallou Eduardo d'Abreu, o valoroso tribuno popular, que sob apparencias jocosas, feriu as notas mais serias — e fez a sua estreia o violoncellista Elmano da Cunha, que disse, sob aspectos tetricos, as coisas mais farcistas e jocundas. Este Cunha é recidivista da antiga escola oratoria, cuja leucorrhœa tragica espavoria as pessoas susceptiveis. Tem gestos unicos, que parecem puxados por cordéis; uma figura de diabo de cabeçalho de jornal, em cujo ventre ronca uma voz de falsetes impagaveis; e quando lhe acontece dizer coisas profundas, exgrêga d'isto — *Os nossos direitos, senhor presidente, são o pão, a carne, e o vinho!* — Typo d'orador para cima de realejo. Na immortalidade, tem logar marcado entre o Gabriel de Freitas e o Vieira d'Andrade.

— Um prato!

Colyseu de Lisboa

LA BRUJA



A nova zarzuela *La bruja*, tem uma musica encantadora e saltitante, que se ouve com o prazer de quem bebe um sorvete. Cabe registrar o cuidado com que está posta em scena, e o partido que as primeiras partes sabem tirar dos seus papeis. Rico trabalho, seu Soares!